

A conversão

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Mateus 7:21

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. Mateus 13:44

A CRIAÇÃO DE UM CRISTÃO QUE BUSCA O PRAZER

"A porta é estreita"

Se todo mundo estivesse destinado a entrar no reino dos céus, não precisaríamos falar de conversão, mas nem todos entrarão.

Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela Mt 7.14

O capítulo 1 terminou com a descoberta de que o fato de Deus buscar nosso louvor e o fato de buscarmos nele prazer representam a mesma coisa. O objetivo de Deus de ser glorificado e nosso objetivo de sermos satisfeitos são atingidos nessa única experiência: nosso prazer em Deus, que transborda em louvor. Para Deus, o louvor é o reflexo agradável da sua própria grandeza no coração do seu povo. Para nós, o louvor é o auge da satisfação que vem de viver em comunhão com Deus. Com o mesmo zelo que Deus tem por sua própria glória ele nos derrama com bondade e misericórdia. Mas "nós" quem? (Rm 8.28)

"Aqueles que amam a Deus, que são chamados segundo o seu propósito."

Para pertencer a esse grupo, é preciso ser convertido. Isso é a criação de um cristão que busca o prazer. A aplicação surpreendente dessa descoberta é que toda a energia onipotente que induz o coração de Deus a buscar sua própria glória também o induz a satisfazer o coração dos que buscam sua alegria nele. As boas novas da Bíblia são de que Deus de forma alguma está avesso a satisfazer o coração dos que põem sua esperança nele.

Pelo contrário, exatamente aquilo que pode nos tornar as mais felizes das criaturas é a coisa em que Deus tem prazer de todo o seu coração e de toda a sua alma. (Jr 32:40-41)

De todo o seu coração Deus se junta a nós na busca da nossa alegria eterna, porque a realização dessa alegria nele redundará na glória do seu próprio valor infinito. Todos os que se lançam nos braços de Deus descobrem que são levados a alegria sem fim pela dedicação onipotente de Deus à sua própria glória. (Is 48.11).

Sim, a alegria onipotente busca o bem de todos os que se põem na dependência de Deus! (Sl 147.11). Isso, todavia, não se refere a qualquer pessoa.

"Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28) — não para todos. Há ovelhas e há cabritos (Mt 25.32). Há sábios e há imprudentes (Mt 25.2). Há os que estão sendo salvos e os que estão perecendo (I Co 1.18). E a diferença é que uns se converteram e os outros não.

O objetivo deste capítulo é mostrar a necessidade da conversão e provar que ela é nada menos que a criação de um cristão que busca o prazer. Por que não dizer simplesmente "crer"?

Alguém talvez pergunte: "Se seu objetivo é a conversão, por que você não usa logo o mandamento

bíblico: creia no Senhor Jesus e será salvo?

Por que introduzir essa nova terminologia do prazer cristão?

Minha resposta tem duas partes: Primeira, estamos cercados de pessoas não convertidas que acham que creem em Jesus. Há bêbados nas ruas que dizem que creem. Casais que dormem juntos sem serem casados dizem que creem. Pessoas idosas que não têm frequentado cultos nem procurado comunhão durante quarenta anos dizem que creem. Todos os tipos de frequentadores mornos e mundanos da igreja dizem que creem. O mundo está cheio de milhões de pessoas não convertidas que dizem crer em Jesus.

Não adianta dizer a essas pessoas que creiam no Senhor Jesus. A frase é vazia para eles. Minha responsabilidade como pregador do evangelho e mestre na igreja não é preservar e repetir expressões bíblicas tradicionais, mas traspassar o coração com a verdade bíblica.

Isso leva à segunda parte da minha resposta. Há outros mandamentos bíblicos diretos além de "creia no Senhor Jesus e será salvo". A razão de introduzir a ideia do prazer cristão é forçar-nos a dar atenção a esses mandamentos.

Como seria se hoje o mandamento bíblico mais direto, em termos de conversão, não fosse "creia no Senhor", mas "tenha prazer no Senhor"? Será que não poucos que têm o coração adormecido não seriam despertados ao ser atingidos pelas palavras: "Se alguém não for nascido de novo para ser um cristão que busca o prazer, não pode ver o reino de Deus"?

Seis verdades cruciais para resumir nossa necessidade e a provisão de Deus

Por que a conversão é tão crucial?

O que há entre Deus e o ser humano que a torna necessária?

E o que Deus fez para satisfazer nossa necessidade desesperadora?

E o que nós temos de fazer para gozar os benefícios dessa provisão?

Grandes são essas questões.

Tentarei dar uma resposta resumida com as seis verdades abaixo, extraídas da Bíblia:

Como falhamos?

1) Deus nos criou para a sua glória - Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória (Is 43.6, 7). Temos que ter a compreensão correta de que tudo na vida começa com Deus. Ninguém jamais entenderá a necessidade da conversão se não souber por que Deus nos criou. Ele nos criou "à sua imagem", para difundirmos sua glória no mundo. Fomos feitos para sermos prismas que refratam a luz da glória de Deus em tudo na vida. Por que Deus quis deixar que ajudássemos a refletir sua glória é um grande mistério. Podemos chamar de graça, misericórdia ou amor — é uma maravilha a falar sem palavras. Antes não éramos e então passamos a existir, para a glória de Deus!

2) Portanto é nossa obrigação viver para a sua glória - Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus (ICo 10.31). Se Deus nos fez para a sua glória, é evidente que devemos viver para a sua glória. Nosso dever vem do desígnio de Deus.

Que significa glorificar a Deus?

Não significa torná-lo mais glorioso. Significa reconhecer sua glória, valorizá-la acima de todas as coisas e fazê-la conhecida. Implica gratidão de coração (Sl 50:23), confiança (Rm 4:20).

Glorificar a Deus é dever não apenas dos que ouviram a pregação do evangelho, mas também dos povos que têm apenas o testemunho da natureza e da sua própria consciência:

Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, tanto o seu poder eterno como a sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso no que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma. Embora conheçam a Deus, não lhe dão a honra que merece e não lhe são agradecidos (Rm 1.20, 21).

Mesmo sem a Bíblia, todas as pessoas têm acesso ao conhecimento de que fomos criados por Deus e por isso dependemos dele para tudo, devendo-lhe gratidão e confiança do nosso coração. Bem dentro de nós todos sabemos que é nosso dever glorificar nosso Criador agradecendo-lhe tudo o que temos, confiando nele para tudo o que precisamos e obedecendo a toda a sua vontade revelada. Quão desesperadora é nossa condição?

3. Todos deixamos de dar glória a Deus como deveríamos. - Todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23). O que quer dizer "carecer" da glória de Deus? Não significa que deveríamos ser tão gloriosos como Deus, mas que não somos. Nesse sentido, devemos carecer da glória! A melhor explicação de Romanos 3.23 é Romanos 1.23, onde se afirma que aqueles que não glorificaram ou não agradeceram a Deus "tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens". É assim que nos "tornamos carentes" da glória de Deus: nós a trocamos por algo de menor valor. Todo pecado resulta de não darmos valor supremo à glória de Deus — essa é a própria essência do pecado. Todos nós pecamos. "Não há justo, nem sequer um" (Rm 3.10).

Nenhum de nós tem confiado em Deus como deveríamos.

Ninguém sentiu a profundidade e a coerência da gratidão que lhe devemos.

Ninguém obedeceu a ele segundo sua sabedoria e direito.

Trocamos e desonramos sua glória vez após vez. Confiamos em nós mesmos. Aceitamos créditos pelas dádivas dele. Desviamos-nos do caminho dos seus mandamentos porque achamos que sabemos melhor. Em tudo isso desprezamos a glória do Senhor. O grande mal do pecado não é o dano que causa a nós ou a outros (apesar de ele ser imenso!). A malignidade do pecado é devida ao desdém implícito por Deus.

Quando Davi cometeu adultério com Bate-Seba e até mandou matar o marido dela, o que Deus lhe disse pela boca do profeta Natã? Ele não lembrou ao rei que o matrimônio não deve ser rompido ou que a vida humana é sagrada. Ele disse: "... porquanto me desprezaste" (2Sm 12.10). Essa, porém, não é a análise completa da nossa condição. Nós não apenas escolhemos pecar, nós somos pecadores. A Bíblia diz que nosso coração é cego (2Co 4.4), duro (Ez 11.19; 36.26), morto (Ef 2.1, 5) e incapaz de submeter-se à lei de Deus (Rm 8.7, 8). Somos, por natureza, "filhos da ira" (Ef 2.3).

4. Por isso, todos estamos sujeitos à condenação eterna de Deus - O salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder (2Ts 1.9).

Visto que desprezamos a glória de Deus com nossa ingratidão, desconfiança e desobediência, somos sentenciados à exclusão do gozo dessa glória para todo o sempre, na eterna desgraça do lago de fogo e enxofre. Este lugar pior que o inferno (geena) ocorre 12 vezes no Novo Testamento — 11 nas palavras de Jesus. Não é um mito criado por pregadores sinistros e zangados. É a advertência solene do Filho de Deus que morreu para libertar pecadores da sua maldição. Quem não lhe dá atenção incorre em grande risco. Este é um lugar de tormento.

Não é meramente a ausência de prazer. Não é aniquilação. Jesus repetidas vezes o descreve como uma experiência de fogo: "... e quem lhe chamar [a seu irmão]: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo" (Mt 5.22); "Melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo" (Mt 18.9); "É melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" (Mc 9.47, 48). Jesus advertiu várias vezes que ali haveria "choro e ranger de dentes" (Mt 8.12; 22.13; 24.15; 25.30).

O lugar não apenas é de tormento, mas também é eterno. O inferno não é terapêutico, como muitos escritores populares estão dizendo em nossos dias. Jesus termina a parábola do julgamento final com essas palavras: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. [...] E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna" (Mt 25.41, 46). O "castigo" é eterno assim como a "vida" é eterna.

Outro indício de que o inferno é eterno é o ensino de Jesus de que há pecado que não será perdoado na era vindoura. "Se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir" (Mt 12.32). Se o inferno é terapêutico e um dia será esvaziado de todos os pecadores, eles terão de ser perdoados. Mas Jesus diz que há pecado que jamais será perdoado.

João resume as realidades terríveis de tormento e eternidade em Apocalipse 14.11: "A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite". Por isso o inferno é justo. Há pessoas que pensam que um castigo eterno é desproporcional à seriedade do pecado cometido. Mas isso não é verdade, porque a seriedade do nosso pecado é infinita, não devido a nós, mas devido contra quem pecamos.

Quando todo ser humano enfrentar a Deus no dia do juízo, ele não precisará usar nenhuma frase da Bíblia para nos mostrar nossa culpa e como nossa condenação é apropriada. Ele precisará apenas fazer três perguntas:

- Não estava claro na natureza que tudo o que você tinha era uma dádiva e que você dependia de quem o fez quanto à vida, respiração e tudo o mais?
- O sentimento judicial em seu próprio coração não considerava as outras pessoas culpadas quando não manifestavam a gratidão que deveriam ter em resposta a um gesto de bondade da sua parte?
- Sua vida foi cheia de gratidão e confiança para comigo, proporcionais à minha generosidade e autoridade? Caso encerrado.

O que Deus fez para nos salvar da sua ira?

5) Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores. - Mesmo assim, em sua grande misericórdia, Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para salvar pecadores morrendo em lugar deles na cruz e ressuscitando corporalmente. Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores (1 Tm 1.15). [Jesus] foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação (Rm 4.25).

Em contraste com a notícia terrível de que caímos sob a condenação do nosso Criador e de que ele é obrigado, pelo seu próprio caráter justo, a preservar o valor da sua glória derramando a ira eterna sobre o nosso pecado, temos as maravilhosas novas do evangelho. Essa é uma verdade que ninguém jamais poderá aprender da natureza. Ela tem de ser transmitida aos vizinhos, pregada nas igrejas e levada por missionários. A boa nova é que o próprio Deus decretou uma maneira de satisfazer as exigências da sua justiça sem condenar toda a raça humana.

O inferno é uma maneira de acertar as contas com os pecadores e fazer prevalecer a justiça de Deus. Há, porém, outra maneira. A sabedoria de Deus determinou uma maneira de o amor de Deus livrar-nos da ira de Deus sem comprometer a justiça divina.

De que trata essa sabedoria?

Da morte do Filho de Deus pelos pecadores! "Pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (I Co 1.23, 24).

A morte de Cristo é a sabedoria de Deus, pela qual o amor de Deus salva pecadores da ira divina, sem deixar de preservar e mostrar a justiça de Deus. Romanos 3.25, 26 talvez sejam os versículos mais importantes da Bíblia:

Deus propôs [Cristo], no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Não ou um ou outro! Ambos! Deus é totalmente justo! E justifica o ímpio! Ele absolve o culpado, mas não tem culpa ao fazê-lo. Essas são as melhores notícias do mundo!

Aquele que não conheceu pecado [Cristo], ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus (2 Co 5.21).

Enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado, [...] condenou Deus, na carne, o pecado (Rm 8.3).

[...] Carregando ele mesmo [Cristo] em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados (1 Pe 2.24). Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus (1 Pe 3.18). Se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição (Rm 6.5).

Se a notícia mais aterradora no mundo é que caímos sob a condenação do nosso Criador e que ele é obrigado pelo seu próprio caráter justo a preservar o valor da sua glória derramando sua ira sobre nosso pecado, então a melhor notícia do mundo (o evangelho!) é que Deus decretou um meio de salvação que também preserva o valor da sua glória. Ele entregou seu Filho para morrer por pecadores e vencer a morte deles por sua própria ressurreição.

O que temos de fazer para ser salvos?

6) Dar as costas ao pecado e confiar no Salvador - Os benefícios comprados pela morte de Cristo pertencem àqueles que se arrependem e confiam nele.

Arrependei-vos e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados (At 3.19).

Crê no Senhor Jesus e serás salvo (At 16.31).

Nem todo mundo é salvo da ira de Deus só porque Cristo morreu pelos pecadores. Há uma condição que precisamos satisfazer para sermos salvos.

Vamos tentar mostrar que essa condição, descrita aqui como arrependimento e fé, e conversão, e que conversão é nada menos que a criação de um cristão que busca o prazer.

Que é conversão?

A palavra "conversão" é usada apenas uma vez na Bíblia, em Atos 15.3: Paulo e Barnabé "atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos".

Essa conversão abrangia arrependimento e fé, como mostram os outros relatos em Atos.

Por exemplo, em Atos 11.18 os apóstolos responderam ao testemunho de Pedro sobre a conversão dos gentios nesses termos: "Também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida". E em Atos 14.27 Paulo e Barnabé relatam a conversão dos gentios, dizendo que "Deus [...] abria aos gentios a porta da fé".

Conversão, portanto, é arrependimento (dar as costas ao pecado e a incredulidade) e fé (confiar apenas em Cristo para a salvação). Na verdade, trata-se dos dois lados da mesma moeda. Um lado é dar as costas aos frutos da incredulidade e o outro lado é voltar-se diretamente para Jesus e confiar em suas promessas. Não se pode ter um sem o outro, assim como não se pode andar em dois caminhos ao mesmo tempo nem servir a dois senhores.

Isso significa que a fé salvadora em Cristo sempre inclui uma profunda mudança do coração.

Não é apenas concordar com a verdade de uma doutrina. Satanás concorda com a verdadeira doutrina (Tg 2.19). A fé salvadora é bem mais profunda e penetrante que isso.

A conversão é um dom de Deus

A dureza natural do nosso coração nos torna indispostos e incapazes de deixar o pecado e confiar no Salvador. Por isso, a conversão envolve um milagre de novo nascimento.

Assim, o novo nascimento vem antes e possibilita fé e arrependimento.

Mesmo assim, a resposta de fé e arrependimento são ações nossas. Somos responsáveis por elas. Pelo milagre do novo nascimento, por pura graça, Deus nos concede a disposição que carecemos. Ficamos com a impressão de que há algo temível por trás de arrependimento e fé quando vemos indicações no livro de Atos de que a conversão é dádiva de Deus. "Deus concedeu o arrependimento para vida" (At 11.18). "Deus [...] exaltou [Cristo] a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento" (At 5.31). "Deus [...] abriu aos gentios a porta da fé" (At 14.27). "O Senhor abriu o coração [de Lídia] para atender às coisas que Paulo dizia" (At 16.14). Jamais entenderemos completamente que coisa profunda e terrível é a conversão enquanto não nos dermos conta de que ela é um milagre. É uma dádiva de Deus. Lembre-se mais uma vez de que não apenas pecamos, mas também somos pecadores. A Bíblia deixa claro que nosso coração é cego (2Co 4.4), duro (Ez 11.19; 36.26), está morto (Ef 2.1, 5) e é incapaz de submeter-se à lei de Deus (Rm 8.7,8). Por natureza, somos "filhos da ira" (Ef 2.3).

Assim, ao ouvirmos o evangelho, de forma alguma responderemos de modo positivo, a não ser que Deus efetue o milagre da regeneração.

A fé é ação nossa, mas ela é possível por causa da ação de Deus.

Arrependimento e fé são ações nossas. Todavia, não nos arrependeremos nem creemos enquanto Deus não fizer seu trabalho de vencer nosso coração duro e rebelde.

Essa obra divina é chamada regeneração. Nossa obra é chamada conversão.

A conversão de fato inclui um ato da vontade, pelo qual renunciamos ao pecado, submetemo-nos à autoridade de Cristo e pomos nossa esperança e confiança nele. Nós somos responsáveis por isso e seremos condenados se não o fizermos.

Mas, ao mesmo tempo que a Bíblia ensina isso com toda a clareza, ela também mostra que, devido ao nosso coração duro, cegueira intencional e insensibilidade espiritual, não o conseguimos. Temos de experimentar primeiro a obra regeneradora do Espírito Santo. As Escrituras prometeram muito tempo atrás que Deus se dedicaria a esse trabalho, a fim de criar para si um povo fiel:

- Dt 30.6;
- Jr 24.7;
- Ez 11.19, 20;
- Ez 36.26, 27.

Essas grandiosas promessas do Antigo Testamento descrevem uma obra de Deus que transforma um coração de pedra em um coração de carne e faz as pessoas "conhecerem", "amarem" e "obedecerem" a Deus. Sem esse transplante cardíaco espiritual, as pessoas não conhecerão nem amarão nem obedecerão a Deus. É essa obra anterior de Deus que chamamos de regeneração.

Somos "chamados" do mesmo modo que Jesus chamou Lázaro: da morte para a vida. No Novo Testamento, Deus está claramente em ação, criando um povo para si, chamando-o das trevas e capacitando-o a crer no evangelho e andar na luz. João é quem ensina mais claramente que a regeneração precede e possibilita a fé: (1Jo 5.1).

Os tempos dos verbos deixam a intenção de João inconfundível: "Todo aquele que continua crendo [ação contínua no presente] que Jesus é o Cristo nasceu de Deus [ação completa com efeitos permanentes]". A fé é a evidência do novo nascimento, não a causa dele.

Isso está em sintonia com todo o livro de 1 João.

Como fé e arrependimento são possíveis apenas por causa da obra regeneradora de Deus, ambos são chamados dádivas de Deus:

- Ef 2.5, 8;
- 2Tm 2.24-26.

A conversão é uma condição da salvação e um milagre de Deus. O novo nascimento não é condicional. Nenhum ato nosso o produz. Ele é sobrenatural. A salvação Final do julgamento futuro é condicional. Ela não acontecerá se não perseverarmos na fé.

O ato sobrenatural de Deus no novo nascimento e o ato humano crucial de perseverar na fé mostram como é séria a mudança que necessitamos a fim de sermos salvos.

Essa meditação sobre a natureza e sobre a origem da conversão esclarece duas coisas.

Uma é o sentido em que a conversão é uma condição para a salvação.

Causa-se muita confusão nessa questão por não se definir a salvação de modo mais preciso.

Se "salvação" se refere ao novo nascimento, a conversão não é uma condição para ela. O novo nascimento vem primeiro e possibilita fé e conversão. Antes do novo nascimento estamos mortos, e pessoas mortas não preenchem condições. A regeneração é totalmente incondicional. Ela é devida unicamente à graça gratuita de Deus. (Rm 9.16).

Nós não ficamos com nenhum crédito. Ele recebe toda a glória.

Porém, se "salvação" se refere à nossa libertação futura da ira de Deus e ao julgamento e entrada na vida eterna, então a conversão é, sim, uma condição para a salvação. Quando clamamos: "O que tenho de fazer para ser salvo?", estamos perguntando como receber perdão do pecado, ter comunhão com Deus e escapar da ira vindoura. A resposta é sempre esta: converta-se!

Isso nos leva à segunda coisa que ficou clara em nossa discussão. A conversão não é meramente uma decisão humana. Ela é uma decisão humana, mas, é muito mais do que isso!

A fé penitente (ou o arrependimento em fé) baseia-se em um milagre imenso feito pelo Deus soberano. Ela é a respiração de uma nova criatura em Cristo.

A fé salvadora não é algo simples. Ela tem muitas dimensões. "Creia no Senhor Jesus" é uma ordem abrangente. Ela contém uma centena de outras coisas. Veja esta lista parcial:

O que tenho de fazer para ser salvo?

Atos 16.31 é: "Crê no Senhor Jesus".

João 1.12 temos de receber Cristo: "A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus".

Atos 3.19 é: "Arrependei-vos e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados".

Hebreus 5.9 é obediência a Cristo. Ele "tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem".

João 3.36: "O que se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida".

O próprio Jesus respondeu à pergunta de várias maneiras.

Mateus 18.3: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus".

Em Marcos 8.34, 35 a condição é autonegação: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á".

Mateus 10.37 Jesus impõe a condição de amá-lo mais que qualquer outra pessoa: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim".

I Coríntios 16.22: "Se alguém não ama o Senhor, seja anátema".

Lucas 14.33: "Todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo".

Essas são apenas algumas das condições que o Novo Testamento diz que temos de preencher para herdar a salvação final. Temos de crer em Jesus, recebê-lo, dar as costas ao pecado, obedecer a Cristo, nos humilhar como criancinhas, amá-lo mais do que nossa família, nossos bens ou mais do que nossa própria vida. Isso é o que significa converter-se a Cristo.

Esse é o único caminho para a vida eterna.

E o que reúne todas as condições e lhes confere unidade?

E o que as impede de se tornarem uma maneira de obter a salvação pelas obras?

Uma resposta é a realidade terrível da fé salvadora: confiar no perdão de Deus, nas promessas de Cristo e no poder do Espírito Santo, não em nós mesmos.

Sim, mas o que há na fé salvadora que une e muda tantas coisas em nossa vida?

A criação de um cristão que busca o prazer

A conversão é o que acontece no coração quando Cristo se torna para nós uma arca do tesouro de alegria santa.

A fé salvadora é a convicção do coração de que Cristo é totalmente confiável e supremamente desejável. O que há de novo em um convertido ao cristianismo é o novo gosto espiritual pela glória de Cristo. Jesus mostrou a resposta na pequena parábola de Mateus 13.44.

Essa parábola descreve como alguém se converte e é levado para dentro do reino dos céus.

A pessoa descobre um tesouro e é impelida pela alegria a vender tudo o que tem para adquirir esse tesouro. O reino dos céus é a morada do Rei. O anseio de estar ali não é um desejo de ter um

terreno no céu, mas de ser companheiro do rei. O tesouro no campo é a comunhão com Deus em Cristo. Eu concluo com essa parábola que para entrarmos no reino dos céus nossa conversão deve ser profunda, e convertemo-nos quando Cristo se torna para nós uma arca do tesouro de alegria santa.

A criação de um novo gosto

Que relação, então, essa chegada da alegria tem com a fé salvadora? A resposta mais comum é que a alegria é fruto da fé. E, em certo sentido, é mesmo. "O Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer" (Rm 15.13). É "crendo" que somos cheios de alegria. A confiança nas promessas de Deus supera a ansiedade e nos enche de paz e alegria. Paulo até a chama de "gozo da fé" (Fp 1.25). Mas há uma maneira diferente de ver a relação entre alegria e fé. Em Hebreus 11.6 afirma-se: "Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam". Em outras palavras, a fé que agrada a Deus é a confiança de que Deus nos recompensa quando nos achegamos a ele. Com certeza isso não quer dizer que devemos ser motivados por coisas materiais. É claro que ansiamos pela recompensa, que é a glória do próprio Deus e a companhia perfeita de Cristo (Hb 2.10; 3.6; 10.34; 11.26; 12.22-24; 13.5).

Vendemos tudo para possuir o tesouro do próprio Cristo.

Assim, a fé que agrada a Deus é a certeza de que, se nos voltamos para ele, encontramos o tesouro que a tudo satisfaz. Achamos o prazer eterno do nosso coração. Todavia, você está vendo o que isso implica? Implica que aconteceu algo em nosso coração antes do ato de fé. Implica que sob e por trás do ato de fé que agrada a Deus foi criado um novo gosto.

Um gosto pela glória de Deus e pela beleza de Cristo. Eis que nasceu a alegria!

Antes não tínhamos prazer em Deus, e Cristo era apenas uma vaga personagem histórica. O que apreciávamos era comida, amizades, produtividade, investimentos, férias, lazer, jogos, leituras, compras, sexo, esportes, arte, televisão, viagens, mas não Deus. Ele era uma ideia — até que boa — e um tema para discussão; mas não era um tesouro de prazer.

Então aconteceu algo milagroso.

Foi como abrir os olhos de um cego diante de um nascer do sol.

Primeiro o silêncio diante da beleza indizível da santidade. Depois o choque e o terror diante do fato de que realmente antes gostávamos das trevas.

Em seguida a quietude tranquila da alegria de que esse é o alvo da alma.

A luta acabou. Daríamos tudo pela garantia de viver para sempre na presença dessa glória.

Em seguida, fé — a confiança de que Cristo abriu um caminho para que eu, pecador, viva para sempre em sua comunhão gloriosa, a confiança de que, se eu me achegar a Deus por meio de Cristo, ele atenderá o desejo do meu coração de participar da sua santidade e contemplar a sua glória. Contudo, antes da confiança vem o anseio. Antes da decisão vem o prazer. Antes da entrega vem a descoberta do tesouro.

Vamos a Cristo quando amamos a luz

Não é esse o ensino de João 3.18-20?

A razão por que as pessoas não vão para a luz é que não a amam. O amor pela luz não é causado pela ida à luz. Nós vamos porque a amamos. Senão, nosso ir não honra a luz.

Pode haver alguma motivação santa para crer em Cristo onde não há gosto pela beleza de Cristo? Na verdade, podemos ser motivados pelo desejo de escapar do inferno, ou de ter riquezas materiais, ou de reencontrar um ente querido que partiu. Como, porém, isso honra a luz, se a única razão de irmos para ela é encontrar as coisas que amávamos nas trevas? Será que isso é fé que salva? Cristo morreu para nos dar o que nosso coração deseja: Deus

A fé que salva é o clamor de uma nova criatura em Cristo. E o que é novo na nova criatura é que ela tem um gosto novo. O que antes tinha gosto ruim ou insosso agora é desejado. O próprio Cristo tornou-se uma arca do tesouro de alegria santa. A árvore da fé cresce apenas no coração que anseia pelo dom supremo, que levou Cristo a morrer para poder concedê-lo a nós: não saúde, nem riqueza, nem prestígio, mas Deus! (1 Pe 3.18, Ef 2:18, Rm 5.2, 11).

Uma nova paixão pelo prazer da presença de Deus

O despertar de uma sede irresistível por Cristo é a criação de um cristão que busca o prazer.

A busca da alegria em Deus não é apenas inocente, ela é essencial.

O nascimento dessa busca é o nascimento da vida cristã.

A busca da alegria em Deus não é opcional. Não é "algo mais" em que a pessoa pode crescer depois de chegar à fé. Enquanto seu coração não tiver atingido essa busca, sua "fé" não pode agradar a Deus.

Fé salvadora é a confiança de que, se você vender tudo o que tem e esquecer todos os prazeres pecaminosos, o tesouro oculto da alegria santa satisfará seus desejos mais profundos. A fé salvadora é a convicção sentida pelo coração de que Cristo não é somente confiável, mas também desejável. É a confiança de que ele cumprirá suas promessas e de que aquilo que ele promete vale mais a pena ser desejado do que todo o mundo.

Podemos falar da "alegria da fé" em três níveis.

Primeiro, há o novo gosto espiritual criado pelo Espírito de Deus para a glória de Deus. Esse novo gosto é a semente e raiz da alegria. Assim, ele é, digamos, a "alegria da fé" em forma embrionária. Segundo, há o broto, o caule da própria fé indo em direção de tudo o que Deus é para nós em Cristo. O cerne desse caule é a alegria em Deus. Não é possível que a fé vital, genuína, na Fonte da Alegria não participe dessa alegria. Seguir sem alegria o Deus da esperança, pelo que ele realmente é, revela-se impossível.

Terceiro, há o fruto da felicidade diária de que Paulo fala em Romanos 15.13: "O Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer".

Aqui alegria e paz fluem da fé para toda a vida.

Na conversão encontramos o tesouro oculto do reino de Deus. Arriscamos tudo nele. E, ano após ano, nas lutas da vida, comprovamos repetidamente o valor do tesouro e descobrimos novas profundidades de riquezas que não conhecíamos. Assim a alegria da fé cresce. Quando Cristo nos chama para um novo ato de obediência que nos custe algum prazer temporal, lembramo-nos do valor insuperável que é segui-lo e, pela fé no seu valor provado, esquecemos o prazer mundano. Qual é o resultado? Mais alegria! Mais fé! Mais profunda que antes. E assim avançamos de alegria em alegria, de fé em fé. Por trás do arrependimento que dá as costas ao pecado e por trás da fé que se entrega a Cristo está o nascimento de um novo gosto, de um novo anseio, de uma nova paixão pelo prazer da presença de Deus. Essa é a raiz da conversão. Essa é a criação de um cristão que busca o prazer.